

**CORPO, TURISMOS, RESSONÂNCIAS**

Ezequiel Santos\*

**Resumo**

O objetivo do presente ensaio é o de apresentar uma reflexão, em curso, acerca do corpo humano como interface da experiência turística. Partindo de um modelo da Antropologia Filosófica que encara o humano como um ser unitário, e com enfoque na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, observamos radicalmente como os fatores corpo, espaço, tempo e intencionalidade moldam a experiência turística, fomentando um sentido aprofundado de uníssono com o entorno e de cuidado e consideração ética com todos os seres vivos. Tais reflexões são um convite a que se reformule o nosso modo atual de ver e de ser turismo, tornando-o mais sensível e eticamente válido nas suas abordagens ónticas e metodológicas.

**Palavras-chave:** Autenticidade; Ética; Merleau-Ponty; Ressonância.

**BODY, TOURISMS, RESONANCES****Abstract**

The objective of this essay is to present an ongoing reflection on the human body as an interface of the tourist experience. Starting from a model of Philosophical Anthropology that sees the human as a unitary being, and focusing on the phenomenology of Maurice Merleau-Ponty, we radically observe how the factors body, space, time and intentionality shape the tourist experience, fostering a deep sense of unison with the environment and of care and ethical consideration for all living things. Such reflections are an invitation to reformulate our current way of seeing and being tourism, making it more sensitive and ethically valid in its ontic and methodological approaches.

**Keywords:** Authenticity; Ethics; Merleau-Ponty; Resonance.

**CUERPO, TURISMO, RESONANCIA****Resumen**

El objetivo de este ensayo es presentar una reflexión, en curso, sobre el cuerpo humano como interfaz de la experiencia turística. Partiendo de un modelo de Antropología Filosófica que considera al ser humano como un ser unitario, y centrándonos en la fenomenología de Maurice Merleau-Ponty, observamos radicalmente cómo los factores cuerpo, espacio, tiempo e intencionalidad configuran la experiencia turística, fomentando un sentido más profundo de unidad con el entorno y de cuidado y consideración ética hacia todos los seres vivos. Tales reflexiones son una invitación a reformular nuestra actual forma de ver y ser el turismo, haciéndolo más sensible y éticamente válido en sus planteamientos ónticos y metodológicos.

**Palabras clave:** Autenticidad; Ética; Merleau-Ponty; Resonancia.

**1 INTRODUÇÃO**

Tendo encetado uma reflexão, ainda em progresso, sobre o corpo humano enquanto interface da experiência turística, partilhamos, com o presente texto, algumas notas entretanto produzidas. Cremos que a temática do corpo humano como interface ainda não foi discutida radicalmente no âmbito dos Estudos Turísticos, e julgamos que esse é um projeto que poderá suscitar mudanças paradigmáticas dentro do turismo.

Tomando esta apresentação, por agora, como objetivo genérico, o nosso interesse futuro passará por debater esta temática em função de objetivos específicos ligados a algumas tipologias do turismo contemporâneo, ou de algumas problemáticas que serão mencionadas ao longo deste documento.

No percurso que traçamos começamos por eleger uma abordagem unitária do corpo, conceptualizando-o segundo a fenomenologia de escola francesa, representada por Maurice Merleau-Ponty (1981), por acreditarmos que esta é uma corrente fundacional para o plano de descrever a pluralidade da experiência turística.

Em seguida, interessará entender as consequências epistemológicas de se assumir este ponto de vista – unitário e não cindido - sobre o corpo, repensando aspetos da

autenticidade interpessoal e ecológica, ponto em que lançamos alguns exemplos a título de desafio teórico e para interpretação das mundivivências do viajante.

Posteriormente, recuperamos uma abordagem socio-filosófica recente, a ressonância de Hartmut Rosa (2018), sugerindo como – apesar de um enquadramento e vocabulário diferentes – esta conceptualização do corpo unitário como interface é uma preocupação comum a outros campos do conhecimento. Por fim, destacamos a importância de rumarmos a um pensamento ético para o turismo, conseqüente com esta visão integrada de sermos, enquanto turistas, um corpo que dá e recebe do mundo.

Reconhecemos como a experiência é promotora da condição do turismo na modernidade tardia, tornando-o num fenómeno multifatorial que envolve trajetos espaciais, uma temporalidade cronológica e cairológica, autenticidades aos níveis intra e interpessoal, e explorações tipológicas variadas. E, precisamente, porque nos parece que a experiência da corporeidade não tem recebido atenção aprofundada no âmbito da experiência turística, surge esta reflexão que, através de um desejado desenvolvimento, poderá ainda contribuir para substanciar o respaldo teórico, o esclarecimento metodológico e para apoiar a análise sensível de muitas práticas do turismo contemporâneo.



Licenciada por Creative Commons  
4.0 / Internacional  
CC BY 4.0

\* Master in Psychology / ULHT (2001). Degree in Psychology / ISPA (1991). Doctoral candidate in Contemporary Art / UC (2023). Invited Adjunct Professor in ESHTE at the Social Sciences Department. Research member at CITUR. Member of the Portuguese Psychologists Association and the Portuguese Sociology Association. Gestalt Therapist. Vice President of Forum Dança. CV: <https://orcid.org/0000-0002-2956-6978> [ [ezequiel.santos@eshte.pt](mailto:ezequiel.santos@eshte.pt) ] [ [ezequiel@gmail.com](mailto:ezequiel@gmail.com) ]

## 2 TURISMOS

O turismo é um domínio plural na oferta e na procura, e subjetivo na afirmação de mundivivências conforme é realçado por Uriely (2005) na sua caracterização da experiência turística. De entre uma miríade de opções comodificadas, e perante um estado de desdiferenciação entre as esferas do quotidiano e do imaginário, a natureza comum do turismo será o fenómeno da deslocação espacial e as suas leituras apoiam-se na tese de que não existe turismo sem sociedade, logo, existem turismos que se constroem em fluxo com as transformações sociais e as visões críticas contemporâneas (Joaquim & Santos, 2019; Rojek, 2010). À partida, tal visão sociológica permite-nos sublinhar duas ordens de ideias.

A primeira, instigada pelo valor da deslocação espacial, valoriza a corporeidade e recorda-nos as palavras do fenomenólogo francês Merleau-Ponty: “*não se deve dizer que nosso corpo está no espaço ou, aliás, que está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo.*” (1981, p. 162). Portanto, é pelo corpo que existimos, que somos no espaço e no tempo, que viajamos globalmente.

A segunda, ressalva o valor do turismo enquanto projeto coletivo, quer pela sua natureza sistémica, montada por operadores e agências a fim de possibilitar experiências, quer pela consequência dos atos turísticos, obrigando a uma elaboração ética sobre as suas práticas e sobre as transformações que estas acarretam para as comunidades humanas e biosféricas.

A passagem, na análise crítica do turismo, de uma abordagem algo dissociada e centrada no “Gaze” (Urry, 2011) para a experiência turística integrada em vários períodos temporais desde a preparação, a vivência, o fecho da viagem (Larsen, Urry & Axhausen, 2007) ressalva o valor da autenticidade da experiência turística (Wang, 1999) nos planos intra e interpessoal, e também das narrativas de viagem (Joaquim, 2015).

E é um exemplo das evoluções paradigmáticas que acompanham o mundo social, obrigando a um trabalho sobre a reflexividade identitária das comunidades investidas pelo turismo internacional (Lanfant, 1992) ou pela necessária integração de um pensamento ético nos parâmetros do planeamento turístico.

Sendo o campo do turismo heteróclito, ele faz-se acompanhar de uma abordagem multidisciplinar e nutritiva para a análise da sua episteme. E, tendo já evocado o fator corporeidade, podemos aqui convocar a filosofia como uma das disciplinas axiomáticas. Porque, na verdade, não nos devemos esquecer que somos corpo, e que até a ação do olhar (gaze), já é uma ação corporal e não apenas cinematográfica ou meramente dissociada entre o eu e os outros, o que está fora do viajante, ou a paisagem. Com efeito, abordar a autenticidade, na sua vertente existencial, é tocar já o registo da fenomenologia. Certo é, como demonstrou Brown (2012) que a linha fenomenológica próxima do existencialismo, por via de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, tem sido importante na consolidação dos argumentos para uma autenticidade existencial e para o aspeto transformativo que o turismo representa para as vidas humanas.

Localizarmo-nos num mundo turístico tão acelerado e plural e colocar questões é, em si, um ato filosófico. Ato que John Tribe considera, na introdução que faz à obra *Philosophical Issues in Tourism*, simplesmente ser a “*capacidade de nos soltarmos do mundo agitado e comprometido do fazer coisas, desengrenar e pausar para a reflexão e o pensamento, especialmente acerca de significados e propósitos*” (2009, p. 5).

Nessa obra, John Tribe confessa que, quanto mais estuda o turismo, mais se encontra com 3 questões perenes da filosofia: a verdade, a beleza e a virtude. Mas, acrescentamos, são questões apenas suscetíveis de discussão porque estão ancoradas existencialmente no corpo que somos, e no qual se alberga a razão e a emoção que nos permitem sentir tanto a admiração quanto a reflexão. Levando a fundo este pensamento, a nossa pausa para reflexão, acatando a sugestão de Tribe, permitiu receber uma onda de ideias nas quais o corpo - como temática - e a fenomenologia - como enquadramento teórico - emergem e se destacam enquanto figura.

## 3 CORPO

Sendo cada um de nós um ser corporizado, viajante no espaço e no tempo, somos turistas existenciais, e talvez tenhamos inventado o turismo como forma de interpretação da vida. Mas, na verdade, ainda somos crentes num modelo mecanicista e dualista do corpo humano, na visão cartesiana da *res extensa* e *res cogitans*, e tomamos a nossa separação do mundo como matriz por defeito. As problemáticas do turismo, assentes numa cisão entre papéis (oferta ou procura), atores (viajante ou comunidades locais), referências (cultura de origem ou cultura local), valores (auto-realização ou comodificação), processos de experiência (hedonismo ou espiritualidade) só para relembra algumas dicotomias, cindem a experiência humana, quantificam comportamentos, preveem consumos, cortam os corpos do seu plano existencial e tomam-no como um invólucro mecânico adequado a paradigmas consumistas. Curiosamente, e facto menos divulgado, o próprio Descartes também estudou as paixões - enquanto motor da experiência - e a consequência de se ser um corpo plenamente vivo (André, 2022). Talvez ele achasse muito estranho o mundo seccionado em que vivemos, para mais tendo assumido em si a inspiração filosófica para tal.

Como modelo oposto, encontramos uma concepção antropofilosófica unitária, uma visão do corpo como sendo de natureza simultaneamente material e espiritual, voltada às coisas do mundo. Uma concepção possibilitada, entre outros, pela filosofia de Martin Heidegger (1984) e de Merleau-Ponty (1981, 2001, 2003), e que convoca o corpo como a casa do Ser. Para a génese desta concepção unitária podemos juntar contributos científicos e diversas ideias com raízes na história da filosofia, mormente de inspiração espinosista. Por exemplo, esta posição foi reiterada posteriormente pelo médico e filósofo espanhol Lain Entralgo (1997) para quem a subjetividade se estende ao vívido corporal e este é o suporte da própria subjetividade. O autor refere-se ao humano como um ser de dimensão corporal, anímica e espiritual, e no qual estas três dimensões

se unificam, sem que nos identifiquemos divisoriamente com nenhuma, como é patente na sua célebre afirmação:

"Eu sou o meu corpo." Ou seja, eu sou, individualizado, uma estrutura dinâmica produzida na evolução do cosmos pelo trabalho de uma segunda causa específica – aquela que deu lugar ao aparecimento da espécie humana – que para nomear adequadamente a sua realidade individual pode dizer "eu". (Lain Entralgo, 1997, p. 22).

No plano das Neurociências lembramos as investigações sobre corpo e consciência desenvolvidas por António Damásio em correspondência com a ética de Bento de Espinosa (2012). Somos, por isso, uma totalidade. Somos capazes, recorrendo à arguição do filósofo João André (2021), de compreender com o corpo e de sentir com o espírito. Só ocorre em nós uma transformação profunda, autenticamente existencial, quando se compreende com o corpo, através de pensamentos que não seguem a lógica da informação conduzida pelos órgãos dos sentidos. Porque é, afinal, o espírito quem sente e se manifesta.

Em ligação com esta ideia, diríamos que, se a análise contemporânea do turismo incide na experiência turística, então considerar-se-ia, em tratando-se de experiência e de vivido corporal, que o referencial fenomenológico é a abordagem mais adequada à investigação em turismo. Mencionar a fenomenologia da experiência turística não nos deveria fazer esquecer que a fenomenologia – quer a encaremos como proposta filosófica pura, ou contaminada pela antropologia – assenta num quadro referencial onde a experiência do mundo se constitui a partir da consciência, e que esta está englobada no sensível, logo no corpo, um corpo teorizado através da percepção, dando a ver o mundo através daquilo que retorna a nós mesmos.

A fenomenologia é apenas acessível por um método fenomenológico, descritivo e não explicativo: o ser humano está no mundo, dirige-se intencionalmente ao mundo, e é no mundo que ele se conhece. Quer se trate de se utilizar um tema caro à fenomenologia (i.e., corpo, espaço, tempo, experiência) quer se trate de investigar a experiência de um fenómeno, a fenomenologia tem os seus trâmites onto-epistemológicos que não são sempre respeitados.

Já Cohen (1979) criticava as investigações que contêm a palavra fenomenologia no título, sem serem fidedignas aos fundamentos e procedimentos desta corrente. E, acrescentamos dando razão aos argumentos de Uriely (2005) quanto à subjetividade da experiência turística, o próprio termo "experiência" deve ser aplicado mais do ponto de vista da procura turística, porque a experiência trata da revelação que o corpo-sujeito faz a si mesmo no estar-no-mundo e não se substancia na proposta mercadorizável da oferta.

O corpo é sempre matéria de discurso, acompanhando antropologicamente os significados e crenças que constroem constelações de sentido ao longo da história. Por exemplo, numa abordagem de fundo antropológico, Corbain, Courtine e Vigarello (2005a,b), na sua edição acerca da História do Corpo, valorizam-no enquanto corpo mediatizado, corpo de nobreza, ou corpo regimentado. Ou podemos referir os tratados psicossociológicos recentes que trazem como figura disposições sobre o corpo em sociedade, como um bem

transacionável, análise que se atém aos enunciados sinaléticos do corpo, mas inevitavelmente ancorado na análise filosófica.

Podemos aqui convocar a obra do sociólogo Richard Shusterman (2008), o qual encontra respaldo na filosofia de Merleau-Ponty ao anunciar o corpo humano como o nosso cogito silencioso e tácito. Mas, segundo Shusterman, haveria uma certa negligência no seio da filosofia para a compreensão desta visão de Merleau-Ponty, ignorando-se este cogito silencioso precisamente porque o corpo é caracterizado por ser vulnerável: com o corpo sentimos o desconforto e o cansaço, os seus sentidos distraem-nos da verdade assim como os seus desejos distraem a mente. Assim, a linguagem tácita do corpo, cada um dos seus gestos que aparece contra um fundo de silêncio, é ignorada, justificando a depreciação dos seus enunciados performativos.

Este pensamento afirma a importância da obra de Merleau-Ponty, por ter exposto a linguagem silenciosa do corpo. Adicionalmente, um outro aspecto caro ao fenomenólogo francês é o de ter destacando como o corpo é uma unidade e não uma cisão entre matéria e espírito, possibilitando partilhas e encontros para além daquilo que é visível. Se é o sujeito que se transforma, na fenomenologia de Merleau-Ponty, o sujeito é o que emerge da realidade entre a fisiologia e o espírito, pelo corpo, que é a habitação da vida.

A nossa proposta é a de ir à raiz da experiência, logo, à corporização, contribuindo para uma visão em que o turismo também faz parte da "carne do mundo" expressão de Merleau-Ponty (2003). Longe da posição clássica, positivista e eidética de Husserl, que consente na proposta de descrever a universalidade de um fenómeno, chegando ao ego transcendental, em Merleau-Ponty é proposta uma fenomenologia que destaca antes as teses que cada sujeito faz do mundo a partir das experiências singulares que se constituem no seu corpo. Uma cartografia que junta sujeito e objeto fundando uma racionalidade possível, ou como ele afirma, em *Fenomenologia da Percepção* (1981, p. xv): "o mundo fenomenológico é, não o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção das minhas experiências e da interseção das minhas experiências com aquelas de outrem, pela engrenagem de umas sobre as outras".

Corpo, intencionalidade, espaço e tempo são as palavras-chave dominantes de uma fenomenologia de escola francesa que descreve a experiência vivida como o de ser incorporado, e que toma o corpo próprio como fundamental para o processo do conhecimento e do ser-no-mundo.

#### 4 CORPO, ESPAÇO, INTENCIONALIDADE

Para Merleau-Ponty, o ser humano existe entre um corpo e uma consciência. Portanto não é apenas algo físico, mecânico e tangível - numa afirmação positivista - mas um corpo animado por consciência. E o ponto em comum entre a fisiologia e a consciência seria o corpo vivencial (*Leib*), simultaneamente corporal e espiritual e não assente no dualismo cartesiano que já referimos de passagem.

Daqui nasce uma visão, capaz de aprofundar o tecido que subjaz às transformações existenciais facilitadas pelo turismo contemporâneo, o das experiências, o das tipologias que salientam os afetos e o sensível, que agitam a procura

da autenticidade através de reencontros em que o espírito-corpo se ajusta.

O nosso corpo forma com o mundo um sistema dinâmico entre sensações e significações: vemos, ouvimos, saboreamos, movemo-nos, criamos linguagens. O corpo é a interface que nos permite habitar o espaço e experimentar a temporalidade. Este mundo fenomênico que emerge da relação com o entorno, e que é fundado nos poderes perceptivos, é a nossa condição de vida numa permanente construção moldada pela experiência. E, sendo a experiência um evento que se dá com o mundo, com o exterior do sujeito, ela resulta em interpretações que promovem subjetividades e identidades, jogos existenciais assentes numa relação.

É a experiência do mundo vivenciada pelo corpo que impera, é ela a centralidade do conhecimento e para a experiência de um mundo fenomênico que emerge do contacto, fundamental para o viajante. Os olhos do viajante veem alguém, mas também lhe confirmam que é visto. As mãos de uma pessoa tocam-se uma à outra, mas quando ela acaricia um animal é também o animal que a toca e avalia. Quando se recebe uma massagem no SPA é a nossa pele – ao sentir a pressão das mãos da massagista - que se prolonga até essas mãos, recolhe a pressão e nos massaja a nós próprios: somos intencionalmente preparados para estarmos dirigidos ao mundo, e é ao agirmos sobre o mundo que acabamos, afinal, por recebê-lo.

O corpo, como presença no mundo através do qual o significado emerge, remete para uma experiência do espaço como uma forma de conhecimento: o espaço é vivido e exprime a nossa fixação ao mundo, é mais um espaço de situação e menos de posição, i.e., tridimensional e geométrico, de trajeto entre dois pontos. E no sentido em que nos movemos, criamos com o entorno uma unidade existencial que se diria de corpo-espaço no qual afetamos e somos afetados.

O movimento, segundo descreve Merleau-Ponty (1981), é impulsionado pela intenção de chegar ao objeto, fora de si, exterior, e não é uma mera representação do pensamento. Assim, pela intencionalidade, que é o facto de a nossa natureza estar dirigida para fora de nós, o corpo alcança o mundo e estende-se, prolonga-se para fora do “em si”. Neste sentido, e.g., uma paisagem que se observe durante um itinerário turístico não é um percepto real, mas uma construção onde o olhar do viajante já toca e é tocado pelos objetos distantes, compondo ele ou ela uma moldura que é a do seu arranjo situacional e não disposicional: o volume verde de uma floresta, a linha recortada entre a areia e o mar de uma praia, a (des)ordem de um aeroporto, ou o sossego de uma esplanada numa rua não existem como objetos inertes à nossa disposição, mas como uma construção viva, situada, que reage às nossas reações.

Neste ponto, podemos pensar em tipologias turísticas nas quais o corpo se pode sentir em uníssono com o espaço, por exemplo na relação com o património, seja em ligação com o património histórico, edificado, ancestral ou moderno, modulado por padrões de cultura; ou o património natural ou florestal, marinho ou geológico, constituindo um território de seres vivos e de vibrações. Nestes lugares, o espaço-corpo que é da ordem do humano contamina-se, e progride em direção à construção de ambiências.

Este é um termo proposto por Tonino Griffero (2016), que recupera a noção de atmosfera, ou esferas de presença de Böhme (1995), para realçar o valor de uma análise fenomenológica integral, atmosférica e descritiva de co-corporizações, de experiências em que as temperaturas, a vibração do espaço e dos materiais, dos outros seres, criam um campo pulsante. Este corpo integrado e co-criador de ambiências favorece uma análise sensorial e estética do turismo, porque ligada à *aisthesis*.

Pensemos, como primeira consequência, que também é importante em termos da experiência turística, avaliar os rastros que deixamos no entorno físico e no humano e que nem todos estes são visíveis ou refletidos: o visível é apenas uma possibilidade de entre as modulações que vivemos, e o refletido leva-nos até ao irrefletido, desvendando-o.

Tanto na temporalidade, que não existe nas coisas nem na consciência, o que se estabelece é um relacionamento dentro do campo de presença: o sujeito humano como ser-no-tempo posiciona-se como projeto entre um antes e um depois. Assim, tipologias como Dark Tourism, Visitas a Amigos e Familiares, Turismo de Natureza, Turismo Criativo, emergem como experiências em que o significado aparece para o sujeito, em primeiro plano, mas como experiências que também se constituíram num fundo humano e físico afetado por ele.

A autenticidade existencial fruto da experiência turística é uma consequência da temporalidade como consciência da nossa presença no mundo, presença repartida na sua linha tríplice: 1) a do efêmero, porque a experiência é no tempo; 2) a da intensificação da fisicalidade, e da ativação emocional, e 3) a informação que não passa e não é pensada através dos órgãos dos sentidos.

Em todo o caso, há que perguntar: se o turista, enquanto pessoa, se transforma e atualiza, o que deixará entre as comunidades por si visitadas e no ambiente físico? Uma metodologia de base fenomenológica que visa o fecho do círculo hermenêutico, e que consente nas narrativas pessoais e no papel do investigador enquanto participante observado, é mais necessária nos estudos turísticos, como podemos observar no seguinte excerto de uma ação de um coletivo artístico numa população isolada, na Ilha da Madeira, e que poderá ser lida, na lógica do Turismo Criativo:

Estamos para estar, não viemos à procura de recordações rápidas, de fotografias pitorescas, viemos ao encontro de quem se quiser encontrar connosco. Os cabelos muito brancos de duas mulheres que caminham devagar como quem vai debruando um napron trazem uma familiaridade curiosa. A pele muito morena, os olhos redondos e brilhantes... “eu gostava de ser branquinha de pele” diz ela, também diz que são irmãs, que a outra é mais velha mas que ela é que não se pode mexer, que nunca saíram dali, que a neta é que faz de mãe delas... mas em pouco tempo abre-se a festa e já toca guitarra na bengala de madeira, já cantamos canções e mais canções, já se juntam os rapazes que preguiçavam ao sol da esplanada, já a senhora da loja de souvenirs deixa os turistas ao léu e oferece acordeões de madeira para avivar o ritmo, já a outra mana desce da varanda e, mesmo esquecida das letras, afina a voz suave arredondando o coro... ao fim da tarde, enquanto nos abraçamos em beijos de

despedida, ela diz “sonhem comigo esta noite”... o coração não esquece. (Cem, 2018, p. 106).

O tempo e espaço como sujeito, e o sujeito como tempo e espaço têm também outras implicações, mais sensíveis, na experiência turística. A primeira é o das atmosferas que emergem do espaço, como esferas de presença, numa exposição estética de Gernot Böhmer (1995) à qual já aludimos: quase unidades de vazio de onde emanam vibrações, disposições, sons, luzes, que nos atiram para um arranjo perceptivo único. Na medida em que existe uma relação primordial entre as qualidades de espaço atmosférico, estado físico e emocional dos sujeitos, mas igualmente a sua percepção social, o facto de estarem em espaços urbanos ou rurais, na montanha, no deserto, no fundo do mar, na floresta amazônica, dentro de um monumento secular, ou numa avenida de uma cidade sul-americana traz sempre consequências à sua relação com o mundo.

A segunda, ligada ao tempo, qualidade do que é importante, ou seja, vivo, é a da natureza ontológica do espaço turístico e o do estatuto de ser dos entes. Na verdade, os objetos que manuseamos, como as malas de viagem, os sapatos, o calção de banho, as cadeiras do avião, o passaporte, as chaves do quarto de hotel, são percebidos na sua factualidade como estando dentro do nosso tempo pessoal. Eles remetem para os artífices e para as inteligências que os criaram e, assim, figuram muitos outros tempos e narrativas que se dispõem invisivelmente na nossa ontologia: eles são coisas semi-vivas, possibilitando leituras do turismo enquanto *performance art*.

O terceiro é dos corpos que afetam e são afetados. Trataremos, a seguir, de como os corpos humanos se afetam, ressoam entre si. Observemos agora, na relação com os animais, que a afetação não obedece à genética: pode haver mais intensidade e identificação energética entre um corpo humano e um corpo animal: cão, gato, cavalo, elefante, tigre. Estar com animais no seu habitat livre, é uma experiência de afetação, em que deixamos de ser humanos e somos momentânea e horizontalmente seres vivos.

Donde, diríamos que o turismo é uma dança permanente feita por milhões de corpos-espacos que se encontram na geografia global e nos afetos, no seu tempo de sincronidade, manuseando objetos em atmosferas, encontrando outros corpos e construindo respirações e intersubjetividades. Imaginemos o nosso planeta Terra desde a sua órbita, apreciando esta dança entre lugares, pessoas, objetos, vegetais, animais: poderíamos dizer que este é o segundo sistema vivo a seguir aos intercâmbios dos ecossistemas naturais; é o planeta-vivo, o planeta turístico, uma invenção humana, nossa.

## 5 A RESSONÂNCIA, UM TURISMO DE RELAÇÕES

Este corpo que afeta, e que é afetado, encontra igualmente apoio no conceito de ressonância promovido recentemente pelo sociólogo e filósofo alemão Hartmut Rosa: de um mundo moldado por relações humanas onde se sente e se interpreta através de corpos que se deixam afetar, e que assim se resignificam e contrapõem a formas de alienação social.

É a relação com o mundo a partir dos corpos, do calor, da pele, do contacto com as mãos, os olhos, o sentir de si pelo peso e tensão dos músculos. E, segundo Rosa, o cérebro como órgão, que funciona sincronizado com o mundo possibilitado uma “teoria fenomenológica da ressonância” (2018, p. 168). Rosa retoma a categoria sociológica a partir do fenómeno físico da ressonância acústica, na qual a vibração de um corpo suscita a atividade própria de outro: “a ideia central, é que as duas entidades da relação, situadas num meio capaz de vibração (um espaço de ressonância), se tocam mutuamente de tal forma que aparecem como duas entidades que respondem uma à outra e falando com a sua própria voz.” (2018, p. 191)

A ressonância ocorre por oposição à alienação, na qual há um enfraquecimento ou perturbação da vibração própria de cada uma das partes, e a sua tese é a de que a alienação é o inverso da ressonância, sendo: “uma forma de experiência do mundo na qual o sujeito experimenta o seu próprio corpo, os seus sentimentos, o seu entorno material e natural ou as interações sociais como desligadas e mudas.” (2018, p. 205)

Para Hartmut Rosa há que ter em conta quatro critérios para que haja efetivamente ressonância: 1.º a afecção, ou o movimento de ser afetado por algo de exterior, seja uma paisagem, um som, um gesto ou um olhar; 2.º a autoeficácia, que é a dinâmica de resposta à afecção: duas pessoas em ressonância comunicam numa dinâmica independente de planificação prévia; 3.º a transformação: quando estamos em ressonância com alguém deixamo-nos transformar pela relação assim estabelecida, podendo o novo fazer a sua aparição nestes estados relacionais em ressonância; 4.º a impossibilidade da sua planificação: a ressonância não é comandada por uma decisão prévia mas é cairológica e livre no seu desenvolvimento.

Assim, é possível analisar os turismos como facilitadores de ressonâncias, e repensar as autenticidades em função de uma experiência verdadeiramente assente nos corpos-espacos que se perturbam e que criam vibrações de sentido, discutíveis em três eixos de ressonância que Rosa configura como constitutivos de processos de desenvolvimento tanto individuais quanto culturais: o eixo horizontal da afetividade com os nossos (comunidade social e política); o eixo diagonal (relação com as coisas), das experiências sensíveis, da escuta do mundo e da sua mercadorização; o eixo vertical (o cosmos, o tempo) da busca da transcendência e da superação.

O turismo, mais ligado institucionalmente ao eixo diagonal, é possibilitador de todos os três, expressando, parafraseando Rosa, uma possível relação ressoante a possibilidade de um modo de ser-no-mundo onde sujeito e mundo se respondem um ao outro. O valor do turismo como fornecedor de espaços de ressonância deve fazer-nos prestar atenção ao fundo de alienação (Rosa, 2014), e, a outro perigo. O sujeito da modernidade tardia é marcado por uma esteticização, psicologização, emocionalização geral nas relações e práticas quotidianas, com forte tendência à comercialização do agradável. O perigo é o de a ressonância ter um preço, exaurindo-se em relações de eco, de faz de conta, ou de superficialidade adesiva, ou um contributo para uma melhor exposição da autenticidade encenada e do simulacro no turismo.

Será, pois, útil pensar o turismo para além dos termos do fundo da alienação e do perigo da esteticização: a autenticidade interpessoal, por via de tipologias P2P que envolvem maior proximidade e intimidade territorial (como os circuitos alternativos de restauração doméstica); o cuidado nas relações humanas presente no volunturismo, a extrema importância da equidade de género, na sustentabilidade pensada em função do desenvolvimento humano local, podem ser recordatórios das palavras de Hartmut Rosa, que parafraseamos: sendo nós seres corporais, as relações com o mundo serão sempre implantadas num espaço físico e social.

Daí a nossa capacidade, enquanto agentes do turismo, de saber construir ambientes, espaciais, figurativos, materiais sociais capazes de exercer influência sobre a instauração de ressonâncias horizontais, diagonais ou verticais e sobre a dominação de relações mudas ou ocas de interação.

## 6 DESENVOLVIMENTOS: TURISMOS E A ÉTICA DA CONSIDERAÇÃO

Por último, uma nota que se impõe. Esta reflexão centrada nos poderes de um corpo integrado e da sua predisposição para a ressonância parece-nos crucial, no momento presente. De facto, apenas saídos da vivência da pandemia COVID-19 que resguardou os corpos, os confinou e os destituiu da sua função de se sentirem e vibrarem, logo testemunhamos um regresso intenso ao Turismo Internacional sob o perigo de nada termos aprendido quanto aos nossos irrealis modos de vida e insustentáveis padrões de consumo.

O corpo como interface com o mundo, simultaneamente interior e exterior, obriga-nos a pensar na inclusão de valores, e recuperar o projeto de Jim Macbeth (2005) de desenvolvimento de uma plataforma ética no turismo - e que se anuncie e operacionalize para além dos objetivos globais de um Desenvolvimento Sustentável - talvez para além do utilitarismo e feita agora por via dos valores imbuídos numa ética do cuidado e da consideração.

Um tal projeto sobre o cuidado tem fundamentação, também, na Antropologia Filosófica. De facto, a partir do entendimento do real significado de vulnerabilidade, do latim *vulnus/vulneris* (ferida), a nossa reflexão leva-nos rumo a uma ética do cuidado que é convergente com a ética da consideração, e com assento nas “capabilidades”. E, uma vez que recusámos no início deste texto uma concepção antropológica dualista, preferindo uma antropologia unitária e integradora do sujeito, encontramos evidência para nos referirmos à existência de uma “razão pática” (André, 1999), uma vez que a vulnerabilidade afeta o ser humano como um todo: tanto na dimensão física e corpórea, quanto na psíquica e espiritual.

Uma resposta à vulnerabilidade com definição do cuidado - sendo este alargado ao mundo humano e não humano - implica saber como responder aos desafios do cuidado. Para uma definição de cuidado podemos subscrever a proposta de Joan Tronto e Berenice Fischer (1990, apud André, 2021, p. 26) que o definem como:

uma atividade genérica que compreende tudo o que fazemos para manter, perpetuar e reparar o nosso ‘mundo’, de modo que possamos aí viver tão bem quanto possível. Este mundo compreende os nossos corpos, nós próprios e o que nos rodeia, elementos que no seu conjunto procuramos religar numa rede complexa, como suporte da vida.

Estes pensamentos orientam-nos até uma ética da consideração, que implica, segundo André (2021), a mobilização de uma razão pática e a “transdescendência”, ou descida ao mundo comum. André retoma o pensamento da filósofa francesa Corine Pelluchon (2018) e que dá suporte à ética da consideração. Esta funda-se sobre um processo de individuação do sujeito que ela define por “transdescendência”, i.e., aquilo que permite ao sujeito sentir o elo com os outros seres vivos, e transformar a consciência da sua pertença ao mundo comum num conhecimento vivido. Pelluchon descreve os termos de uma educação ética que emanciparia os indivíduos, e os ajudaria a promover uma abordagem diferente àquela que testemunhamos atualmente na economia, na política, na ecologia, e na exploração animal.

Ainda como meio de ponderarmos os desafios do cuidado, pensemos numa perspetiva baseada nas “capabilidades” (Nussbaum, 2012), ou de dar voz e palavra a quem delas se vê privado. As “capabilidades” são as respostas à questão daquilo que cada pessoa é capaz de fazer e de ser. São um contributo da filosofia política à questão da justiça social, já que as teorias do desenvolvimento ignoram as necessidades de dignidade mais elementares. Dentro do campo de possibilidades para restaurar o potencial e a dignidade dos indivíduos, salientamos aquelas de origem interna, das “capabilidades” combinadas - que são as condições económicas, sociais e políticas - e as centrais, nas quais se cuida do ser-em-biosfera.

Todos os autores citados remetem para uma visão antropológica do cuidado com os outros corpos, uma antropologia que atenta à fragilidade de outrem, da resposta que outro ser humano vulnerável acorda em nós, e também nos leva a concentrar a nossa atenção à fragilidade que grassa na nossa contemporaneidade, na ecologia do turismo: no ambiente físico e no clima, no património histórico e natural, em todos os seres vivos incluindo as plantas e os animais, ou entre as populações mais pobres e desprotegidas que também acabam por estar envolvidas nos projetos turísticos. No fundo, a visão do planeta como a nossa casa comum, pleno de lugares com atmosferas onde se encontram todos os corpos humanos com os quais cada um de nós ressoa e pode criar tonalidades afetivas.

Alicerçado numa visão antropofilosófica de um corpo unitário, corpo-espírito que ressoa no entre-corpos, para as quais convocámos em maior detalhe a visão de Merleau-Ponty e de Hartmut Rosa, ressaltamos o significado de um turismo inclusivo, responsável, promotor de uma vida boa, tendo os seus *stakeholders* atentos às vulnerabilidades, aos direitos humanos, à sustentabilidade: ter atenção ao outro é tratar de nós próprios, possibilitando os alicerces para um Turismo Responsável com as condições de vida.

## 7 CONCLUSÃO

Neste ensaio propusemo-nos pensar o turismo a partir de uma concepção antropofilosófica unitária do corpo, relançando o debate em torno do próprio fenômeno turístico. Para esse propósito, centramos a nossa perspectiva na corporeidade da experiência turística, apoiando-nos na fenomenologia de Merleau-Ponty, assim como no conceito de ressonância (e do seu oposto, a alienação) promovido pelo sociólogo e filósofo Hartmut Rosa.

Tais conceitos são aclaradores da experiência de unísono com o entorno vivida pelo sujeito viajante, comportando dimensões estéticas, relacionais e éticas que poderão revelar-se úteis para a compreensão do turismo contemporâneo. Reconhecemos que a reflexão apresentada resulta de um quadro interpretativo próprio, consequência de investigações acadêmicas e descobertas pessoais anteriores, vivido e maturado em condições sociopolíticas equilibradas e estáveis que não existem em todas as regiões do globo. Seria, por isso, interessante para o continuado estudo da temática da corporeidade, prosseguir um programa de investigação futuro que confrontasse este sossego local e estudasse a utilidade empírica dos conceitos apresentados (ressonância, alienação, ética da consideração) em várias tipologias turísticas mas abrangendo populações humanas em distintas condições de desenvolvimento social e económico e com vivências díspares do encontro turístico.

Do mesmo modo, pensamos que uma abordagem metodológica de base fenomenológica, que questione a experiência do encontro simultaneamente entre viajantes e comunidades hospedeiras, nos presentearia com narrativas de viagem mais fidedignas, sensíveis, testemunhando a riqueza de gradientes vivenciais que a condição humana comporta. Em conclusão, sendo o turismo um construto humano, cremos que a sua abordagem não deveria continuar a ser mecanicista ou antropocêntrica, porque o viajante é um corpo que afeta e é afetado, produzindo sempre o rasto que se auto atualiza nos seus domínios sociais, culturais, ecossistémicos, económicos e éticos.

A leitura turística tomada a partir do corpo como interface lança responsabilidades sobre os vários stakeholders. O projeto do turismo como potência de vida, e de afirmação da paz mundial passa por assumirmos uma visão unitária do humano em ressonância e consideração com o mundo vivo, começando nos nossos corpos.

## REFERÊNCIAS

- André, J. (1999). *Pensamento e afectividade*. Coimbra: Quarteto Editora.  
André, J. (2021). From an Anthropology of Vulnerability to the Ethics of Care. In J. Braga, M. Santiago Carvalho (eds). *Philosophy of Care. New Approaches to Vulnerability, Otherness and*

- Therapy* (pp. 19-37). Cham: Springer, [https://doi.org/10.1007/978-3-030-75478-5\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-030-75478-5_2)  
André, J. (2022). *Renascimento e Modernidade: Releituras filosóficas*. Coimbra: Grácio Editora.  
Böhme, G. (1995). *Atmosphäre. Essays zur neuen Ästhetik*. Frankfurt: Suhrkamp.  
Brown, L. (2012). Tourism: A Catalyst For Existential Authenticity, *Annals of Tourism Research*, 40, 176–190, doi: [org/10.1016/j.annals.2012.08.004](https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.08.004)  
Cem (2018). *Festival Pedras 18*. Lisboa: Cem.  
Cohen, E. (1979). A Phenomenology of Tourist Experiences, *Sociology*, 13, 179-201.  
Corbain, A.; Courtine, J.-J. & Vigarello, G. (eds.) (2005a). *Historia del Cuerpo. Volumen 1 – Del Renacimiento al Siglo de las Luces*. Madrid: Santillana Ediciones Generales.  
Corbain, A.; Courtine, J.-J. & Vigarello, G. (eds.) (2005b). *Historia del Cuerpo. Volumen 2 – De la Revolución Francesa a la Gran Guerra*. Madrid: Santillana Ediciones Generales.  
Damásio, A. (2012). *Ao encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Lisboa: Círculo de Leitores.  
Griffero, T. (2016). *Atmospheres. Aesthetics of Emotional Spaces*. London: Routledge.  
Heidegger, M. (1984). *El Ser y el Tiempo*. Madrid: Ediciones F.C.E..  
Joaquim, G. (2015). *Viajantes, Viagens e Turismo Narrativas e Autenticidades*. Lisboa: Ed. Mundos Sociais.  
Joaquim, G. & Santos, E. (2019). Os Artistas, o Turismo e as Cidades. In *Tourfly, Inovação e Futuro: contributos para o desenho da oferta turística na Área Metropolitana de Lisboa (Lisboa-01-0145-Feder-023368)*, pp. 57-76. Estoril: Eshte.  
Lain Entralgo, P. (1997). Sobre la persona. *Arbor*, 156, 9-24.  
Lanfant, M-L (1992). L'Identité em Jeu dans L'Échange Touristique International, *Sociologia Urbana e Rurale*, 38, 171-178.  
Larsen, J.; Urry, J. & Axhausen, K. (2007). Networks and Tourism: Mobile Social Life. *Annals of Tourism Research*, 32(1), 244-262.  
Macbeth, J. (2005). Towards an Ethics Platform for Tourism, *Annals of Tourism Research*, 32(4), 962-984.  
Merleau-Ponty, M. (1981). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.  
Merleau-Ponty, M. (2001). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard.  
Merleau-Ponty, M. (2003). *Palestras*. Lisboa: Edições 70.  
Nussbaum, M. (2012). *Capabilités – comment créer les condition d'un monde plus juste*. Paris: Flammarion.  
Pelluchon, C. (2018). *Éthique de la considération*. Paris: Éditions du Seuil.  
Rosa, H. (2014). *Aliénation et accélération. Une critique sociale du temps*. Paris: La découverte.  
Rosa, H. (2018). *Résonance. Une sociologie de la relation au monde*. Paris: La découverte.  
Shusterman, R. (2008). *Body Consciousness: A philosophy of mindfulness and somaesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press.  
Tribe, J. (2009). *Philosophical Issues in Tourism*. Bristol: Channel View Publications.  
Uriely, N. (2005). The Tourist Experience. Conceptual Developments. *Annals of Tourism Research*, 3(4), 306-312.  
Urry, J. (2011). *The Tourist Gaze. Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage.  
Wang, N. (1999). Rethinking Authenticity in Tourism Experience. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 349-370.

Final Table. CRediT author statement

Term	Definition	Author
Conceptualization	Ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims	x
Methodology	Development or design of methodology; creation of models	

Term	Definition	Author
Software	Programming, software development; designing computer programs; implementation of the computer code and supporting algorithms; testing of existing code components	
Validation	Verification, whether as a part of the activity or separate, of the overall replication/ reproducibility of results/experiments and other research outputs	
Formal analysis	Application of statistical, mathematical, computational, or other formal techniques to analyze or synthesize study data	
Investigation	Conducting a research and investigation process, specifically performing the experiments, or data/evidence collection	
Resources	Provision of study materials, reagents, materials, patients, laboratory samples, animals, instrumentation, computing resources, or other analysis tools	
Data Curation	Management activities to annotate (produce metadata), scrub data and maintain research data (including software code, where it is necessary for interpreting the data itself) for initial use and later reuse	
Writing - Original Draft	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically writing the initial draft (including substantive translation)	x
Writing - Review & Editing	Preparation, creation and/or presentation of the published work by those from the original research group, specifically critical review, commentary or revision – including pre-or postpublication stages	x
Visualization	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically visualization/ data presentation	x
Supervision	Oversight and leadership responsibility for the research activity planning and execution, including mentorship external to the core team	
Project administration	Management and coordination responsibility for the research activity planning and execution	
Funding acquisition	Acquisition of the financial support for the project leading to this publication	

**Source:** reproduced from Elsevier (2022, s/p), based upon Brand et al. (2015).

---

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 09.05.2023; Revisado / Revised / Revisado: 06.06.2023 – 05.10.2023 – 10.11.2023; Aprovado / Approved / Aprobado: 15.12.2023;

Publicado / Published / Publicado: 20.12.2023.

Seção revisada às cegas por pares / Double-blind peer review section / Sesión revisada por pares ciegos.